

Por que essa rede?

A Rede Sementes da Agroecologia (ReSA) é um dos frutos da campanha em defesa da semente crioula, patrimônio dos povos a serviço da humanidade, lançada no Fórum Social Mundial em 2003, pela Via Campesina.

A ReSA nasce para ser um espaço articulador e organizativo de todas as iniciativas no que diz respeito às sementes dando maior visibilidade e capacidade política de enfrentamento às diversas ameaças sofridas e, principalmente, fortalecer a agroecologia como alternativa para a produção de alimentos, garantindo uma maior autonomia às famílias produtoras e consumidoras, promovendo o conhecimento e a multiplicação das variedades e das experiências.

A nossa missão

Articular as diversas iniciativas voltadas à preservação, melhoramento, produção, conservação, comercialização e troca de sementes, incidindo politicamente na manutenção do direito dos agricultores e agricultoras agroecológicos com relação ao acesso e soberania das sementes para a produção de alimentos.

Quem somos?

A ReSA é uma organização informal e descentralizada de articulação das organizações da sociedade civil que aderem à sua missão.



Os apoiadores da ReSA:



Fundo Ecumênico de Solidariedade (FES)
Campanha da Fraternidade



Sementes Crioulas

Ameaças e Movimentações da sociedade para defendê-las



Se as sementes de milho pudessem falar da sua história...

De 10.000 anos pra cá

Há uns 10.000 anos mulheres buscaram sementes na natureza, fazendo o primeiro melhoramento através da seleção. Por todos estes milhares de anos (400 gerações) o ser humano se tornou parceiro da semente e a semente parceira do ser humano: na medida em que o ser humano vivia mais de alimentos cultivados dependia da semente, e da mesma forma as sementes nas suas formas melhoradas também dependiam do ser humano. Os milhos crioulos tem seu berço na América Latina. Os povos indígenas cuidaram e melhoraram as variedades crioulas ou seus ancestrais por muitas gerações.



Os transgênicos...

As sementes transgênicas surgiram a partir da década de 90. Para obter este tipo de semente é necessário uma intervenção muito violenta no núcleo da célula da planta, aonde tem o script (o plano) sagrado "genético" das plantas e de todos os seres vivos. Para conseguir transferir genes (letras do plano) de um ser vivo para o outro, as células tem que ser bombardeadas com radioatividade ou substâncias químicas afim de quebrar a defesa natural das células que visa justamente proteger este plano sagrado, que dirige toda vida. A manipulação transgênica sacramentou de uma vez a dependência total do pacote tecnológico das empresas multinacionais, que assim obtiveram poder sobre agricultores e governos.

Uma ameaça histórica!

No caso do milho estamos diante de uma ameaça histórica. Pela polinização aberta, ou seja, o pólen de uma planta é levado pelo vento e por insetos de uma planta para outra, e de uma lavoura para outra, é muito fácil as plantas transgênicas cruzarem com as sementes crioulas. Este cruzamento é irreversível. Assim, uma semente que na sua polinização foi afetada por pólen de milho transgênico é poluída para sempre. Vários guardiões de semente de milho crioulo já foram afetados e perderam seu patrimônio que vinham construindo com tanto carinho.

Assim diante de nos acontece uma destruição histórica. As sementes, que por centenas de gerações foram cuidadas e melhoradas, estão se perdendo pela poluição por pólen de milho transgênico.

Seremos capazes de passar um patrimônio genético limpo para as futuras gerações?

Como vamos reverter essa destruição?

A Casa da Semente



A Casa da Semente

Afim de organizar a produção de sementes orgânicas, particularmente de hortaliças, entre os agricultores ecológicos da região, diversos agricultores ecológicos da região se uniram. A AOPA e a ABAI somaram esforços para a constituição da unidade de beneficiamento de sementes (UBS), localizada na área rural da ABAI no município de Mandirituba. A EMBRAPA, através do projeto SEMECOL, forneceu diversas máquinas de beneficiamento de sementes.

O espaço da casa contém além da UBS, um banco comunitário de sementes mantido por guardiões de sementes e uma área certificada orgânica para cultivo de sementes crioulas.

A Casa da Semente foi inaugurada no dia 13 de março de 2016, com a participação de 27 organizações ligadas à agroecologia e agricultura familiar.

O funcionamento da Casa

A ideia é de fazer o levantamento coletivo das demandas em sementes orgânicas para o plantio da próxima safra, e em função disso determinar as quantidades de sementes a serem produzidas pelos agricultores ecológicos vinculados à Casa da Semente.

Dessa forma a Casa da Semente permite o encontro da demanda e da oferta, a logística e o beneficiamento das sementes (limpeza, seleção, secagem, testes de germinação...) para possibilitar a comercialização entre agricultores familiares.

Como fazer os pedidos?

O primeiro passo é de pedir a lista de sementes ofertadas pela Casa da Semente, através do email: sementes.aopa@gmail.com

Na sequência, é importante você levantar localmente e coletivamente a demanda para cada espécie e variedade, para poder formalizar um pedido de grupo (ex: grupo da Rede Ecovida).

Existe a possibilidade de realizar um pagamento antecipado para facilitar a organização da rede.

VOCÊ SABIA?

A partir do plantio 2016, para manter a certificação orgânica da sua produção de **abóbora**, é obrigatório o uso de sementes orgânicas: sementes próprias, de outro agricultor agroecológico ou sementes certificadas orgânicas...



Mobilização da Sociedade Civil e dinâmica dos Guardiões de Sementes

A partir da leitura política sobre os alicerces da soberania alimentar, que devem garantir a preservação das espécies para o futuro do planeta e manter a biodiversidade, a Via Campesina teve a feliz iniciativa de lançar a Campanha em defesa da Semente Crioula "Patrimônio dos povos a serviço da humanidade".



Motivando a partir de então várias entidades, que acreditam na agroecologia, a colocarem em práticas ações referentes às sementes crioulas, como:

- Identificação de camponeses e camponesas, que há décadas protegem as sementes, chamando-os de Guardiões de Sementes;
- Resgate de variedades que estavam/estão em extinção;
- Trocas de experiência entre os Guardiões;
- Feiras e Festas de Sementes para ampliar as ações em defesa das sementes, incluindo também as pessoas que têm interesse em consumir alimentos saudáveis frutos da agrobiodiversidade;
- A criação de Bancos Comunitários de Sementes, facilitando uma ação coletiva dos camponeses;
- As Casas de Sementes regionais para facilitar o processo de conservação, qualidade e distribuição com mais segurança entre agricultores/produtores.
- E pensando no futuro: as técnicas para o melhoramento das variedades;
- A tudo isto juntou-se o enfrentamento jurídico das ameaças legislativas que restringem cada vez mais os direitos dos agricultores sobre as sementes.



Festas e Feiras de Sementes Crioulas 2016

5, 6 e 7 de agosto - Palmeira -
14ª Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

11 de agosto - Francisco Beltrão -
13ª Festa Regional das Sementes

13 de agosto - Ortigueira -
2ª Feira Territorial das Sementes e Mudas Crioulas

28 de agosto - Mandirituba -
4ª Festa da Semente Crioula

5

Marianne Spiller, Juvenal José Rocha

O melhoramento de variedades agroecológicas

Sementes Crioulas e a evolução da agrobiodiversidade:

Desde o final do neolítico, quando o ser humano começou a domesticação das plantas e dos animais, ele foi guardando os melhores indivíduos (planta, fruto, animal) geração após geração, e assim pelo mundo todo gerou essa maravilhosa agrobiodiversidade que temos hoje.



A partir do final do século 19 surgiram novas técnicas de melhoramento que aos poucos separaram a produção agrícola do melhoramento de variedades, este último está sendo feito com manejo convencional (adubos químicos e com agrotóxicos) o que gera variedades e cultivares inadequados aos sistemas ecológicos de produção.

Porque um melhoramento agroecológico?

Precisamos de variedades adaptadas ambientalmente, agronomicamente e culturalmente aos sistemas agroecológicos de produção e de consumo!



Precisamos conservar a agrobiodiversidade cultivada a campo (in situ ou on farm) e não apenas em câmaras frias e assim participar do processo contínuo de evolução da agrobiodiversidade. A adaptação progressiva das variedades à mudança climática não virá de um instituto de pesquisa nem de uma multinacional...

Enfim e sobretudo, precisamos garantir aos nossos filhos e netos sementes e variedades livres e de qualidade como as que herdamos dos nossos antepassados.

Como implementar esse melhoramento?

Primeiro, pela multiplicação das sementes nas condições de produção: em propriedades da agricultura familiar, com manejo agroecológico e na medida do possível na própria região de cultivo.

Segundo, trabalhando coletivamente com produtores de sementes trazendo discussões sobre os critérios e as expectativas de melhoramento: precisamos de um tomate mais rústico e resistente, de uma couve-flor de melhor padrão, de um feijão mais precoce para safrinha, etc.

Enfim, quando existe a possibilidade de parceria com a pesquisa pública ou instituições sem fim lucrativo (associações e ONGs), trabalhos de melhoramento participativos tem mostrados muito bons resultados.

Manuel Delafoulhouze

2

Da contaminação ideológica à contaminação genética:

A contaminação genética provocada pelos milhos transgênicos sobre os milhos crioulos reflete, em alguma medida, a contaminação ideológica dos interesses empresariais sobre a legislação e, consequentemente, sobre os direitos dos agricultores.

Paulo Freire nos ensina que tudo tem uma base ideológica, a questão é definir se ela é inclusiva ou excludente.

É basicamente nesse campo de batalha que gira a discussão sobre os direitos dos agricultores. Nós tentamos promover o direito ao livre uso da agrobiodiversidade através da agroecologia, o que, na essência, é contra os interesses privados das empresas, que necessitam da escassez para obter a lucro-locomotiva do agronegócio.

O que estamos assistindo, com o golpe contra a Presidenta Dilma, é só o reflexo de uma movimentação mais profunda do neoliberalismo que está contaminando todo o nosso sistema legislativo, onde ao menos teoricamente são/seriam assegurados os direitos.

Do ponto de vista da agrobiodiversidade, aponta-se como focos de irradiação dessa contaminação ideológica neo-liberal as alterações no Novo Código Florestal, com seus instrumentos de mercantilização da natureza e privatização de bens comuns, somados à possibilidade de compensação ambiental e fortalecimento de mecanismos auto-declaratórios (como é o caso do Cadastro Ambiental Rural) com a desculpa de "desburocratizar" o "desenvolvimento nacional". É a Lei de Biossegurança (Lei 11.105/2005), que criou uma falsa instância de decisão sobre liberação de transgênicos na qual pesam, invariavelmente,

os interesses das empresas, gerando, como reflexo, uma vasta contaminação genética que corrói a agrobiodiversidade.

A partir dessas alterações tivemos a recente legalização da biopirataria pela Lei 13.123/2015, que legalizou o acesso à agrobiodiversidade para todas as empresas sementeiras, farmacêuticas, químicas e de biotecnologia, etc... pavimentando o caminho para a criação de espécies em laboratório e patenteamento de seres vivos.

Além dessas, outras estão em discussão no Congresso Nacional, algumas mais avançadas, outras menos, como o patenteamento de seres vivos, que é objeto de um Projeto de Lei, o PL 4961/2005, mas não teve novas movimentações desde o ano passado.

Outro projeto de lei, que restringe os direitos dos agricultores, pretende a legalização da tecnologia "terminator", que é a possibilidade de se criar as sementes suicidas/estéreis, proposta do PL1117/2015. Essa proposta foi ressuscitada do PL 268/2007, e também não teve novas movimentações desde sua proposição, no ano passado (2015).

Já a discussão sobre a alteração da Lei de Sementes, e de Proteção de Cultivares, está gerando muitos debates dentro da bancada ruralista através do PL 827/2015.

O objetivo desse PL é adequar a legislação brasileira sobre sementes e mudar a cobrança de royalties, inclusive sobre as sementes guardadas (salvas), com possibilidade, até mesmo, de criminalização dos agricultores que não observarem as novas regras.



Resistir sempre foi a saída!

Além desses, merece destaque o antigo PL 4148/2008, que declara o fim da rotulagem e altera os métodos para detecção de transgênicos nos alimentos, que foi aprovado na Câmara dos Deputados, no ano passado, e está desde então no Senado Federal, sob o número de PLC 34/2015, até o momento o PL conta com parecer para arquivamento da Comissão de Ciência e Tecnologia, mas precisa ser analisado pela Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, dominada por Senadores Ruralistas, como a Senadora Ana Amélia e Ronaldo Caiado.

Como visto, existem tantas ideologias, tantas espécies de milho, a questão, no fundo, é saber identificar e criar possibilidades para se prevenir das contaminações indesejadas.



A história nos mostra que resistir sempre foi a saída, e é nos territórios que a resistência acontece, nos últimos anos é possível assistir um crescente número de feiras e festas de sementes, é possível ver uma aproximação, cada vez maior, entre as pautas da agroecologia com as pautas indígenas e de outros povos e comunidades tradicionais. Ainda existem leis e tratados que amparam as nossas lutas e podem fortalecer as estratégias de resistências, ou seja, querem nos enterrar, mas não sabem que somos sementes!

Não há limites para a ganância do agronegócio, pois mesmo agraciados pela paralização da reforma agrária, das demarcações de terras indígenas, e titulações de terras quilombolas, bem como pelos inúmeros pacotes de créditos, isenções fiscais, e facilidades para obtenção de patentes e aprovação de novos transgênicos, não viram outra saída para a expansão de seus interesses senão através do golpe contra a Presidenta Dilma. - Ora, então que interesses são esses? E como eles acontecem?

É preciso ter a noção de que as mudanças ocorrem antes de sentirmos seus efeitos, e várias mudanças estavam ocorrendo no âmbito do Congresso Nacional, muitas vezes com apoio do próprio Poder Executivo, sem que nos dêssemos conta.

Estamos vivendo um golpe contra a democracia, mas o que isso nos diz? Um Congresso Nacional que, longe de representar a identidade do povo que o elegeu, representa somente a instrumentalização da ignorância sobre a forma que um Estado se organiza (noção de três poderes).

3

André Halloys Dallagnol

4